

DOSSIÊ EDITORIAL E AUDIOVISUAL
AS GALINHAS PALEONTÓLOGAS
JUVÊNCIO MARINS



1. FICHA DA OBRA

Título da propriedade intelectual (PI): AS GALINHAS PALEONTÓLOGAS

Autor: Juvêncio Marins

Extensão: 210 páginas

Livro: pronto; amostra disponibilizada: prólogo e capítulos 1 a 4.

Roteiro audiovisual: pronto; roteiro completo não anexado.

Gênero: comédia de aventura, exploração arqueológica, fantasia e sátira social.

Ambientação: Terra pós-humanidade, Cocorilópole e ilha do Milharal.

Protagonistas: as irmãs arqueólogas Crotildes, Gertrudes e Gizelda.

Formatos de exploração: edição literária e adaptação audiovisual, especialmente animação.

2. PITCH

Milhares de anos após a extinção humana, três irmãs galinhas descobrem fósseis de uma civilização esquecida e entram numa competição arqueológica maluca. Para salvar Cocorilópole da carestia, precisam vencer um professor trapaceiro que quer usar o prêmio para concluir uma máquina de controle mental das galinhas — enquanto um bilionário ganancioso manipula as regras para proteger seu monopólio.

3. SINOPSE

Num futuro distante, as irmãs arqueólogas Crotildes, Gertrudes e Gizelda, três galinhas superinteligentes, encontram um enorme conjunto de fósseis humanos. Entre os vestígios estão os intrigantes “objetos esponjosos”: antigos implantes de silicone utilizados por mulheres da civilização extinta. A descoberta desperta curiosidade, incredulidade e uma disputa de proporções inesperadas.

O bilionário Galo Mestre oferece um vultoso prêmio a quem apresentar provas reais e concretas da existência de uma civilização anterior. Por trás da proposta, porém, estão seus próprios interesses: se não houver vencedor, ele pretende controlar os sítios arqueológicos e impedir a construção da Ponte do Milharal, que prejudicaria seu lucrativo transporte fluvial.

Crotildes e suas companheiras desejam conquistar o prêmio para ajudar Cocorilópole a construir a ponte, facilitar o acesso à região onde o milho floresce o ano inteiro e baratear os alimentos. O professor Galofo, machista e trapaceiro, quer tomar para si a descoberta das irmãs e vencer a competição. Seu objetivo secreto é utilizar o dinheiro para concluir uma máquina de controle mental das galinhas, obrigando-as a abandonar suas atividades e voltar ao poleiro.

Começa assim uma aventura repleta de explorações, perseguições, armações, rivalidades e situações hilárias. Ciência, solidariedade e companheirismo enfrentam a ganância e o autoritarismo, numa história que promete um final inesperado, sutil e bem-humorado, cujo desfecho não foi revelado nos capítulos recebidos.

4. DIFERENCIAIS DA OBRA

- Inversão satírica: aves investigam os restos da humanidade extinta.
- Trio de protagonistas: Crotildes lidera a pesquisa, Gertrudes é entusiasmada e corajosa, Gizelda é a irmã sabe-tudo, dedicada e desconfiada.
- Antagonista com plano secreto: Galofo deseja financiar uma máquina de controle mental das galinhas.
- Conflito social concreto: o prêmio pode financiar a Ponte do Milharal e reduzir a carestia.
- Humor de personagens, situações absurdas, arqueologia e aventura com potencial visual.
- Disputa de interesses entre pesquisa, imprensa, política e poder econômico.

5. POTENCIAL EDITORIAL E COMERCIAL

A obra combina comédia, mistério arqueológico, fantasia animal e crítica de costumes. Seu universo permite posicionamento como aventura ilustrada, edição literária e expansão de personagens e cenários. A classificação etária editorial dependerá da leitura integral do manuscrito e da proposta de adaptação.

6. POTENCIAL AUDIOVISUAL

A propriedade intelectual oferece personagens visualmente reconhecíveis, cenários expressivos e uma competição que estrutura sequências de ação e humor. O projeto pode ser apresentado para longa-metragem de animação ou série animada, conforme a arquitetura do roteiro já concluído pelo autor.

O arco central contrapõe duas finalidades do prêmio: as protagonistas buscam construir a Ponte do Milharal; Galofo pretende financiar uma máquina de controle mental para submeter as galinhas. Galo Mestre, por sua vez, tem interesse em manter a dependência econômica da cidade. Essa tríplice disputa sustenta a progressão dramática.

Elementos visuais: Cocorilópole, sítios de escavação, fósseis humanos, objetos esponjosos, ilha do Milharal, embarcações do magnata e laboratório secreto de Galofo. A capa anexada estabelece uma direção visual ilustrativa; não substitui a bíblia de produção.

7. PÚBLICO-ALVO

Público potencial: jovens e adultos que apreciam animação de aventura, comédia, fantasia e sátira.

8. AUTOR — IDENTIFICAÇÃO E BIOGRAFIA

Juvêncio Marins é autor de projetos de ficção literária e audiovisual em diferentes gêneros, incluindo fantasia, aventura, suspense e ficção especulativa. Entre os títulos informados pelo autor estão OFF — OS ÚLTIMOS, A GÊMEA DE CRISTO, CEMITÉRIO DE PÁSSAROS, A CASA DOS FUNDOS e A TURMA DO RADIOSVALDO.

9. CONTATO E DIREITOS

Autor e titular: Juvêncio Marins. Site: www.maisde3neuronios.com email: maisde3neuronios@protonmail.com e libropremio@gmail.com WhatsApp (71)99626-4779

10. POTENCIAL EDITORIAL, AUDIOVISUAL E COMERCIAL

Potencial de comunicação: O próprio título sintetiza a pergunta central da obra e oferece um conceito imediatamente reconhecível e provocador.

Potencial editorial e comercial: AS GALINHAS PALEONTÓLOGAS possui grande premissa, com um conceito central de comunicação imediata e uma trama que combina humor, ironia satírica, espontaneidade mistério, tramas, reviravoltas, documentos e escavações secretos, investigação.

Potencial de adaptação audiovisual: Conceito visual forte oferece ambientes visualmente distintos. Escala internacional. A narrativa permite tratamento de longa-metragem ou série.

Público-alvo: Leitores e espectadores de todas as idades.

Sobre o autor: Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura.

AMOSTRA DA OBRA

Prólogo (originalmente “INÍCIO”) e capítulos 1 a 4.

PRÓLOGO — INÍCIO

Era uma vez, ou melhor...

O planeta sobreviveu a muitos eventos. Fogo. Erupções. Dilúvios e tormentas. Pragas de todo tipo. Mas faltou bem pouco para que fosse completamente destruído pela guerra provocada pela raça humana. O resultado: a pura e simples extinção da espécie e, milhares de anos depois, o aparecimento de uma forma de vida altamente inteligente construiu uma nova civilização: as aves. Entre elas, as que mais se desenvolveram foram as galinhas.

Essas aves sobreviveram às transformações ocorridas na Terra, agradecendo todos os dias ao deus Great Chicken, por serem tão inteligentes e poder fazer, ao mesmo tempo, tarefas como acordar antes das cinco da madrugada, abrir os bicos e sacudir as asas, antes que todos os seus pintinhos pudessem pronunciar o nome da sua principal cidade.

CAPÍTULO Nº 1

Após arrumar os utensílios de escavação dentro da grande sacola, a arqueóloga Crotilde sentou diante do aparelho sonoro, apertou algumas teclas, e esperou o sinal vibrante. Menos de um minuto depois, regulando o zunido do gravador, ela registrou as últimas palavras daquele que seria o seu discurso durante a conferência anual de paleontologia:

— Conforme a tradução que fiz dos textos encontrados, eles existiram e dominaram este planeta por muito tempo. Não sei bem como eram e nem posso afirmar qual foi a forma ou quais foram os meios da sua extinção. Mas, acho que, de tanto brincar com fogo, a antiga raça predominante acabou se queimando.

Sua assistente invadiu a cabana sacudindo as asas.

— Encontramos, irmã. Encontramos. Finalmente! – exclamou.

Crotilde desligou apressadamente o aparelho e virou-se para a entrada.

— Não me diga que vocês acharam outros como aqueles, Gertrudes? – disse, emocionada.

Gertrudes sacudiu o bico e suspirou.

— Sim... sim.

— Onde está?

— São muitos, doutora... centenas deles, todos muito parecidos uns com os outros... aquelas coisas... os objetos...

A arqueóloga juntou as asas e soltou uma vibrante exclamação:

— É isso!

— Achamos, doutora. Encontramos um fabuloso sítio com centenas de fosseis. Estamos ricas.

Crotildes acalmou a assistente:

— Tenha paciência. Ainda não temos o apoio da comunidade científica.

Gertrudes jogou-se no sofá, esparramando suas asas.

— São muitos, irmã. Dessa vez, eles terão que nos engolir.

Olhou para o lado e concluiu murmurando:

- Com penas e tudo...

CAPÍTULO Nº 2

Um mês depois, a apresentadora Krikri Fagulha, durante o seu conhecido programa na emissora de comunicação da cidade, informou para todo o país:

— A doutora Crotilde, paleontóloga de renome mundial, afirmou hoje pela tarde, em palestra proferida durante a conferência anual de paleontologia, que tem provas inequívocas de que existiu há milhares de anos, em nosso planeta, uma civilização tão ou mais desenvolvida do que a nossa. Ela exibiu para os presentes os fosseis de restos mortais de alguns exemplares, e mostrou para os seus colegas e para toda a imprensa uns estranhos objetos semelhantes a esponjas plásticas, que nominou de ‘Objetos esponjosos’, encontrados no tórax de parte dos esqueletos achados, que nada mais são daquilo que um dia foi chamado de “silicone das humanas”, conforme textos encontrados no sítio arqueológico, traduzidos por Crotilde e suas irmãs.

“A descoberta provocou um alvoroço, e há quem acredite que o governo e o empresariado têm intenções de obter essa tecnologia, inclusive, para utilização em galinhas que sejam magrinhas e sem nenhum enchimento natural. Isso poderá trazer prejuízos para a indústria de hormônios”.

“O sítio foi ocupado por forças militares, que o declararam ‘zona de segurança máxima’, até que o prefeito decida o que será feito com o mesmo”.

“Tentando ridicularizar a descoberta, o professor Galofo deixou claro que vai reunir sua equipe e provar que jamais existiu qualquer outra civilização desenvolvida no planeta. Disse o professor que a pesquisadora mentiu e que aqueles objetos são uma farsa, advertindo que irá desmascarar o ardil. Galofo não perdeu a oportunidade para defender aquilo que todas nós sempre detestamos nele, ou seja: que o nosso lugar não é trabalhando; que o nosso lugar é o no poleiro”.

Terminado o anúncio, a apresentadora fez um gesto e entraram os comerciais.

— Ufa... se for mesmo como ela falou, e isso puder ser fabricado, eu vou querer uns três para mim. Estou necessitando de uma boa recauchutada.

CAPÍTULO Nº 3

A plateia estava efetivamente acomodada. Todas as providências foram tomadas. Um dia após a divulgação da grande novidade, o prefeito Gansonildo Perpetuo resolveu vir a público expor o que seria feito com o sítio encontrado.

Justificando o grande aparato de segurança montado para o evento, junto com ele estaria, também, o bilionário Galo Mestre, o mais rico cidadão da cidade de Cocorilópole, que dificilmente aparecia em público e era conhecido como a “ave mais sovina do mundo”, aquele capaz de desencavar um grão de milho de dentro de uma pedreira e transformá-lo numa interminável fonte de riqueza.

Toda a riqueza da província circulava em torno do Galo Mestre. Suas empresas tinham tentáculos que não pareciam ter fim. A própria Cocorilópole figurava no rol dos que lhe deviam. Gansonildo nem sabia mais como fazer para desculpar-se ou pedir um escalonamento dos débitos locais. E pior: Cocorilópole corria o sério risco de ser abandonada por sua população, caso a prefeitura não conseguisse recursos para a construção da “ponte do milharal”, uma via de acesso ao planalto da ilha vizinha, onde os milhos eram abundantes, sem sofrer com os rigores do inverno que se aproximava e com o alto custo do transporte do cereal para a vila.

Gansonildo sabia disso. E temia que o desabastecimento de milho pudesse ocasionar fome e tragédias na população da cidade. Somente o Galo Mestre poderia evitar esse drama. Dinheiro tinha às pampas. Mas, disposição para gastá-lo, ele não tinha nenhuma. O sabido, no entanto, queria levar vantagens com a descoberta, e aproveitaria o encontro com o prefeito para revelar as suas intenções.

— Gansonildo, meu caro – disse, sentado na poltrona, amparado por dois ajudantes. – Ninguém melhor do que você para definir o bem que sinto pela população desta vila.

— O senhor é o nosso grande benfeitor – falou o prefeito.

Galo Mestre fechou a cara:

— Eu autorizei você a me interromper?

— Desculpe... desculpe, senhor...

— E eu o autorizei a me pedir desculpas?

Gansonildo fechou os olhos. Ele conhecia o temperamento difícil e tempestuoso do magnata, cuja fama de rude e pouco educado era conhecida.

— Não vou mandar lhe surrar agora, porque senão você teria que aparecer junto comigo nas fotos parecendo um esfarrapado. E você sabe que odeio esfarrapados e gente que não sabe se vestir e nem estar diante do público.

Ele tossiu. Havia uma pena dentro do seu bico. E a tosse provocou um sutil respingo. O ajudante mais jovem limpou-lhe a cara, esfregando um delicado lenço de seda. Galo Mestre esperou que o prefeito erguesse novamente a cabeça para continuar, olhando-o nos olhos.

— Tenho uma proposta irrecusável – disse, com um brilho ganancioso no olhar.

Gansonildo ergueu a asa.

— Fale, idiota – disse o bilionário.

— Qual seria, senhor?

Galo Mestre sorriu.

— Algo que renderá uma boa fortuna para mim e um pouco de auxílio para esta maltrapilha vila...

— Sim?

Galo Mestre fincou os olhos nos do prefeito antes de prosseguir:

— Um jogo. Proponho um grande prêmio ao vencedor. Um jogo limpo entre os maiores exploradores e pesquisadores do país. Aquele que trazer a prova irrefutável da existência ou inexistência de uma antiga civilização ganhará uma enorme recompensa –
riu. – Naturalmente que tudo o que for achado me pertencerá e, mais naturalmente ainda, eu é que ditarei as regras da competição.

— E o que a cidade ganhará, senhor?

Galo Mestre tossiu outra vez, mas agora sem respigar.

— Darei o valor ao vencedor que corresponda ao preço para a construção da ponte com a ilha do Milharal.

Gansonildo alegrou-se.

— Oh, o senhor faria isso?

— Mas, somente se os exploradores conseguirem concluir a competição. Caso contrário, se não existir vencedor, eu declararei o prêmio deserto, terei direito à exploração dos sítios e você, em nome da Vila, assinará um termo de autorização...

- Autorização? Para quê?

- Para que JAMAIS SEJA CONSTRUÍDA PONTE ALGUMA...

- Mas...

- Você sabe que a ponte trará prejuízos para os meus barcos.

- Senhor...

- Tenho dito!

Dizendo isso, ele ergueu suas asas, que foram amparadas por seus auxiliares, e rumou para a sala de entrevistas, caminhando como se estivesse pisando em ovos. O prefeito não viu, mas o velho magnata deixou o lugar com um riso malicioso no bico.

CAPÍTULO Nº 4

O professor Galofo era conhecido como um competente explorador, embora alguns duvidassem e questionassem os meios usados em suas pesquisas. Era o diretor do Instituto de Paleontologia de Cocorilopole e a sua palavra era quase sempre a última, fechando as discussões acadêmicas. O seu grande problema – e que o tornava extremamente antipático – era a sua mania de achar que as aves fêmeas, de que espécie fosse, não tinham condições de trabalhar fora do lar.

— Lugar de galinha é no poleiro – era a frase com a qual ele abria o programa diário que tinha na emissora de rádio.

— Tive três problemas com galinhas – disse ele para um ouvinte em certa ocasião. – O primeiro, logo depois que nasci, pois minha mãe teimava em achar que eu era vesgo. O segundo por causa da minha primeira professora, que não gostava da minha voz. E o terceiro com minha última galinha. Mandeí ela para o poleiro sem dó. Onde já se viu queimar a ponta do meu avental favorito?

Quando soube da decisão do Galo Mestre, Galofo reuniu sua equipe no escritório secreto para debater a estratégia a ser utilizada.

— Faremos uma pesquisa de campo – disse-lhe um auxiliar, todo afoito, cujo nome era Ganso Orlando.

Que tal contratarmos mais serventes e escavadores? – sugeriu outro, que se chamava Nelson Pato Rouco.

— Acho melhor consultarmos as pesquisas anteriores feitas no local – opinou mais um, que era primo de Nelson Pato Rouco e se chamava Frangildo.

Galofo, com as asas cruzadas e bebendo devagar o seu chá especial, olhou para todos eles com sutileza e comunicou sacudindo a cabeça:

— Vamos trapacear. Existe algo melhor do que isso para driblar um bando de galinhas?

— Trapacear? – perguntou Frangildo abrindo as asas.

— Trapacear não é errado?– quis saber o seu primo, encostando-se na parede.

— Acho que não devemos fazer isso– ponderou Ganso Orlando.

Num acesso de ira, o professor jogou o chá em cima dos três.

— Que coisa – disse enfurecido. – Tenho saudades dos meus antigos ajudantes. Vocês são muito bonzinhos para trabalharem comigo, bando de patetas.

Os auxiliares recuaram até a parede.

— Como vocês acham que obtive a direção do instituto? – esbravejou Galofo.

— Sorrindo? – sugeriu Nelson Pato Rouco, ainda mais rouco.

— Fazendo amizades?”– opinou o seu primo.

— Trabalhando? – perguntou Ganso Orlando.

Galofo bateu os dedos na mesa, balançando a cabeça desoladamente.

— Roubando, seus idiotas – gritou. – Roubando e trapaceando. Foi assim que desalojei Aristide, o pai dessa arqueologazinha do pau oco chamada Crotilde. Era seu auxiliar e desejava o cargo. Bastou mexer as peças certas no momento certo e...

Ganso Orlando ergueu o dedo, dizendo:

— E pimba!

Galofo estourou:

— Pimba uma ova, seu panaca. Em nome de Great Chicken, o que foi que fiz para merecer ajudantes tão abestalhados?

— Trapaceou?”– disse Ganso Orlando todo contente.

Um brilho apareceu no olhar de Galofo.

— Isso mesmo, Orlando. Eu trapaceei e tomei o cargo de Aristide.

Ganso Orlando fez um jeito sem graça.

— Desculpa, chefe, mas eu me referia à pergunta que o senhor fez a Great Chicken.